

Entrevista com Ricardo Ernani Sander

Ernani Sander
Flávia Machado
Vânia de Aquino Albres Santiago
Neiva de Aquino Albres

Professor adjunto na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Sander coordena o Centro Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Deficiência e Inclusão e Membro do Grupo de Pesquisa “Núcleo de Pesquisa em Interpretação e Tradução de Línguas de Sinais”. Possui doutorado em educação pela Universidade Estadual Paulista e mestrado em Educação pela UEM. Convidamos para uma breve entrevista, considerando sua vasta experiência enquanto tradutor e intérprete de Libras.

Fale sobre o seu primeiro trabalho como intérprete de Libras, compartilhe com os leitores como foi essa experiência.

Primeiramente, eu gostaria de dizer que me sinto honrado por participar neste artigo. Lembro-me de que, no início de 1980, mais precisamente em março, foi quando eu conheci surdos e o que era, na época, chamado de língua de sinais. Era uma fase de transição entre o oralismo e a comunicação total. Em contato com os alunos da então escola especial Concórdia, eu aprendi rapidamente os sinais da época e logo comecei a ser chamado para festas de aniversário, por exemplo, e outros encontros de surdos, para que eu interpretasse algumas palavras que eram ditas na ocasião. Mas, de modo mais enfático e oficial, em 15 de novembro de 1981, foi celebrado um culto na igreja luterana Concórdia, em Porto Alegre, onde o meu colega, amigo e compadre Ely Prieto e eu ministramos o culto em língua de sinais. À época, foi um feito de grande importância, revolucionário, e todos os participantes ficaram maravilhados. Era a Palavra de Deus em uma outra língua, uma língua visual - língua de sinais. Lembro-me de que a gente fazia a comunicação total e o texto que eu lia e interpretava ao mesmo tempo era um dos evangelhos da Bíblia Sagrada, o qual falava sobre a ovelha perdida. Era a história da ovelha perdida. Durante a leitura, lembro que a minha perna direita tremia. Foi um acontecimento único em que eu fiquei muito nervoso. Esse momento me marcou muito. Era meu início oficial como TILS.

Qual ou quais conselhos você daria a um(a) intérprete de língua de sinais iniciante no Brasil?

Há muitos conselhos que se poderia dar a um intérprete iniciante. Mas, vou me restringir a alguns poucos: primeiro, estude a língua dentro da cultura, ou seja, aprenda a língua de sinais em uma comunidade surda junto aos surdos. Isso não significa que você não possa aprender a língua de sinais com pessoas ouvintes ou com um professor surdo. Ao contrário, em todos os momentos e em todas as oportunidades, esse contato com a língua, seu aprendizado e a prática da língua são muito bem-vindos, sempre. Nos dias atuais, a língua de sinais é aprendida na universidade com professores surdos e ouvintes. Na minha época, a língua de sinais não era conhecida na universidade e muito menos aprendida lá. Segundo, espelhe-se em intérpretes mais experientes, observe como eles atuam. Eles podem ser seus conselheiros, mentores e ajudar você a melhorar cada vez mais na atuação. Terceiro, tenha contato com surdos de diferentes lugares. Você vai observar que sinalizam

diferentemente a Libras. As variações linguísticas existem na Libras e elas devem estar conscientes em nós. Tudo isso, nos anos 1980, era conteúdo desconhecido por nós.

E qual ou quais conselhos você daria a uma pessoa que decida se dedicar especificamente à atividade de tradução?

Do meu ponto de vista, a tradução diz respeito a texto escrito, o que a torna uma atividade bem mais complexa. Nem sempre você tem o termo adequado na hora, para se lembrar e usar. A tradução exige o uso de teóricos e de caminhos metodológicos que determinam regras a serem seguidas. É uma área que exige estudos e aprofundamentos na área da tradução, bem como discussões e estudo dos teóricos e seus postulados. A meu ver, tanto a área da interpretação quanto a área tradução exigem estudos. Entretanto, a tradução exige uma elaboração maior quanto à escrita e ao passar a língua visual ou oral para o texto escrito.

Se você estivesse atuando profissionalmente como TILS hoje, conte que trabalho que você ainda não fez e que gostaria de fazer.

Entre tantas atuações em diferentes lugares, poderia dizer que nunca atuei em uma maternidade. Neste momento é disso que posso me lembrar.

O que você considera que uma pessoa coda precisa fazer para se tornar um TILS?

A pessoa, por ser um/uma coda, não significa que é automaticamente um TILS. Há codas que não usam a língua de sinais, ou mesmo, não sabem a língua de sinais. Outros codas não participam da associação de surdos ou mesmo não querem ser TILS. Codas devem estudar a língua de sinais na universidade, objetivando uma formação acadêmica para serem TILS. No meu tempo, nem se pensava em cursos universitários para TILS.

Na sua opinião, quais são os maiores problemas enfrentados pelos TILS hoje?

Não me sinto competente para responder a esta questão. Entretanto, vejo que há uma falta de cursos de formação em muitos lugares no Brasil, cursos em nível universitário para TILS, bem como a questão do reconhecimento da profissão e, conseqüentemente, os baixos salários por muitas horas trabalhando. Penso que os TILS devam atuar em duplas. Sempre em duplas, como um padrão, a não ser que seja para uma rápida consulta médica ou entrevista, por exemplo. Mas, nas aulas de escolas e universidades, em eventos e programas de TV, sempre deveriam poder atuar em duplas.

A partir dos seus estudos, qual seria a relação entre a atividade do TILS e a acessibilidade?

A relação entre atividade do tradutor intérprete e acessibilidade é muito pertinente e muito importante. O profissional deve saber o seu lugar como uma ferramenta de acessibilidade. O profissional não deve pensar que é mais importante do que o interlocutor surdo ou ouvinte. Ainda vejo TILS atuando como se fossem o centro das atenções do evento, da

sala de aula, do consultório médico. Ele/ela é a ferramenta de acessibilidade fundamental entre surdos e ouvintes - muitas vezes para os surdos, outras vezes para os ouvintes. Isso significa que ele deve ser humilde na atuação profissional e não chamar atenção sobre si. Ele deve ser discreto, saber o lugar, onde se posicionar, onde e quando atuar ou não. Claro, em um show de rock, por exemplo, a atuação do TILS é condizente ao grupo que se apresenta. Em uma cerimônia de casamento, a atuação do TILS deve ser discreta e formal, pois o ambiente assim define.

O que é ser bilíngue? Qual perspectiva teórica te ajuda a responder essa pergunta?

Ser bilíngue significa duas línguas e duas culturas. Não existe língua sem cultura e não existe cultura sem língua. Quer dizer: teoricamente, a gente faz conjecturas sobre, mas é impossível separar a cultura da língua ou separar língua de cultura. É um casamento indissociável. Porém, eu gosto da ideia, segundo o professor Carlos Skliar, de que uma língua e a outra língua ajudam no desenvolvimento da linguagem, do pensamento. Ambas não são para confrontarem-se, mas para se agregarem. Isso é muito importante, então, quando falamos em educação bilíngue para surdos, de modo específico a língua de sinais em primeiro lugar, em todos os âmbitos, em todos os níveis, desde o berço seguindo para a escola e depois na vida em sociedade. O Português, então, é assumido como uma segunda língua na modalidade escrita.

Quanto ao TILS, ele é bilíngue. Quando se fala em tradutor intérprete, a gente sempre remonta, no mínimo, a um ser bilíngue, mas pode ser trilíngue, pode ser poliglota. Entretanto, o ser bilíngue não é 100% bilíngue na escrita em ambas as línguas, ou 100% na fala, ou 100% na interpretação ou na tradução. A gente é sempre um pouquinho menos em uma dessas modalidades, em uma dessas variantes. É natural que a gente não seja competente 100% em todas as línguas. Posso dar um exemplo de mim mesmo: muitas vezes penso em uma língua, falo na outra e tenho mais facilidade em escrever na terceira língua. Muitas vezes me pego pensando em alemão, falando em inglês, ou fazendo um sinal da Libras para me lembrar do português. Logo, eu não sou 100% eficiente nas línguas que eu digo que sei. Tudo isso é relativo.

O que você tem a dizer sobre o desenvolvimento da língua de sinais no Brasil? E sobre a cultura surda?

Este tema é fantástico! Nos últimos 40 anos nós crescemos muito. Por um lado, 40 anos é pouco tempo quando nós falamos em língua, em cultura. Por outro, 40 anos é bastante tempo para uma geração. Vejo maravilhado e, se comparo o início dos anos 1980 com os dias atuais, posso dizer com segurança que o desenvolvimento da língua de sinais no Brasil foi enorme. Hoje, temos pesquisas da Libras e de outras línguas de sinais nas universidades, como nunca houve. Temos a visibilidade da cultura da língua de sinais como jamais ocorrido anteriormente, aparecendo em muitos programas de televisão e nos seus comerciais, com intérpretes da língua de sinais nas seções do Congresso Nacional, nos mais diferentes eventos da sociedade e do mundo acadêmico. Não há evento sem que seja oferecida a acessibilidade através do profissional tradutor intérprete de língua de sinais.

O que é a comunidade surda?

Para mim, comunidade surda não é apenas formada por pessoas surdas usuários de uma língua de sinais. A comunidade surda é muito maior: ela diz respeito também às pessoas ouvintes que usam a língua de sinais que convivem com surdos, pois podem ser os pais de surdos, ouvintes casados com surdos, professores ouvintes de alunos surdos, amigos ouvintes de surdos e um monte de outros. É um monte de outros âmbitos. É um horizonte alargado que constitui a comunidade surda, mas cujo protagonista é o próprio surdo e a sua língua.

A partir do advento da internet, o que mudou na atividade do TILS?

As atividades do tradutor intérprete de língua de sinais tiveram um enorme desenvolvimento e um espaço como nunca se imaginava. Hoje é possível contratar virtualmente intérpretes para todas as situações, ou melhor, contratar profissionais especializados em determinadas áreas da tradução e interpretação através da internet, que possibilita trabalho on-line. Isso é fantástico!

Qual é o papel da tradução de e para a língua de sinais na esfera acadêmica hoje?

Penso que o papel do tradutor intérprete de e para a língua de sinais na esfera acadêmica deva acontecer através de profissionais que tiveram formação na área em que atuam. Isso é muito importante por causa das especificidades das áreas aprofundadas do conhecimento que temos hoje. É fundamental, do meu ponto de vista, que o profissional tenha formação na área em que atua.

Qual o lugar da Educação Especial na educação de surdos hoje? Qual a sua opinião sobre a atuação do Estado na implementação da educação bilíngue para surdos?

A educação de surdos não deveria estar na educação especial, porque a educação de surdos diz respeito à língua de sinais, essa língua de sinais não é uma questão de “ser especial”. Não se trata de deficientes aqui. A educação bilíngue para surdos deveria ter uma Secretaria em nível federal para isso. Penso que os surdos deveriam ter acesso a uma escola fundamental onde a língua de sinais teria curso livre com professores surdos fluentes em Libras, professores ouvintes fluentes em Libras, onde Libras seria a língua mais importante na escola, a língua de instrução. Todos deveriam saber a língua de sinais - desde o porteiro, à pessoa da cozinha e da limpeza, à coordenação e à direção. Os pais deveriam ter cursos contínuos de língua de sinais. Já no Ensino Médio haveria intérpretes para a acessibilidade dos alunos surdos, assim como nas universidades. É dever do Estado se responsabilizar pela educação de surdos e das escolas especiais no Ensino Fundamental.

O que se estudava para ser intérprete antes nos cursos das formações atuais no Brasil? É importante que o TILS, além de estudar sobre os aspectos da tradução e interpretação, se aproprie dos aspectos linguísticos do uso da língua?

O primeiro curso de formação de tradutor intérprete aconteceu em 1997, em Porto Alegre, e foi uma parceria entre a Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a FENEIS. Na

grade curricular, havia algumas pinceladas sobre linguística, mas não linguística da língua de sinais, e sim do português. Também foi estudada a primeira versão do Código de Ética - tradução dos TILS dos Estados Unidos de 1966. Só havia isso de parte teórica. Agora, a parte prática era com diferentes contextos de interpretação, por exemplo, no consultório médico, no juiz, na delegacia de polícia, na escola, em família. Então, eram situações bem práticas do dia a dia. A gente discutia questões mais de modo empírico, subjetivo. Não havia questões de conhecimento mais aprofundado, de argumentos plausíveis e acadêmicos. Foram apenas 80 horas o total do curso.

Penso que, atualmente, o aluno da área de formação da tradução e interpretação da língua de sinais deva, sim, estudar questões e aspectos linguísticos do uso da língua de sinais em contextos diferentes. O mundo exige que os profissionais se especializem cada vez mais, para que possam atuar plenamente e com a competência que deles é exigida.

De que um Tils precisa para atuar em contextos comunitários e contextos de conferências no Brasil?

Contextos comunitários: formação profissional (se possível), competência, responsabilidade, com características de empatia, humildade.

Contextos de conferência: formação profissional (necessário), competência, responsabilidade, com características de humildade.

Conclusão: o associativismo é muito importante para a formação e a manutenção da classe trabalhadora do profissional TILS. FEBRAPILS e as APILS são o lastro dos TILS para sua formação e atuação permanentemente. Os movimentos associativos são fundamentais para a constituição desse profissional. Não se pode constituir-se sozinho como TILS. O outro me constitui. Precisamos uns dos outros.